

Löwy, Michael. **Resistencias culturais à dominação imperial: A alternativa socialista.** En: *Seminário Internacional REG GEN: Alternativas Globalização* (8 al 13 de Octubre de 2005, Hotel Gloria, Rio de Janeiro, Brasil). Rio de Janeiro, Brasil : UNESCO, Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2005. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/reggen/pp22.pdf>

[www.clacso.org](http://www.clacso.org)

**RED DE BIBLIOTECAS VIRTUALES DE CIENCIAS SOCIALES DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE, DE LA RED DE CENTROS MIEMBROS DE CLACSO**

<http://www.clacso.org.ar/biblioteca>

[biblioteca@clacso.edu.ar](mailto:biblioteca@clacso.edu.ar)

## **Resistencias culturais à dominação imperial**

### **A alternativa socialista**

Michael Löwy

O fetichismo da mercadoria é um aspecto central da cultura imperial : ele é uma espécie de pseudo-religião (Cf. Walter Benjamin, **O capitalismo como religião**), que transforma a mercadoria - assim como o mercado e o dinheiro – em fetiches, em ídolos que exigem sacrifícios humanos. Os princípios deste culto idolátrico, que exerce uma verdadeira ditadura cultural em escala planetária - e que tem na cidade de Davos sua capital simbólica - visam à redução de cada relação humana, de cada sentimento humano, de cada produção simbólica - cultural, social, religiosa, erótica ou artística – em uma mercadoria, a ser comprada ou vendida segundo seu valor mercantil. Já no século XIX, um crítico da economia política havia previsto, com lucidez profética, o mundo de hoje: «Chegou, enfim, um tempo em que tudo o que os seres humanos haviam considerado inalienável tornou-se objeto de troca, de tráfico e pode alienar-se. É o tempo em que as coisas mesmas, que até então eram comunicadas, mas nunca trocadas; dadas, mas nunca vendidas; conquistadas, mas nunca compradas – virtude, amor, opinião, ciência, consciência etc – em que tudo, enfim, passou para o comércio. É o tempo da corrupção geral, da venalidade universal ou, para falar em termos de economia política, o tempo em que qualquer coisa, moral ou física, tendo-se tornado valor venal, é levada ao mercado para ser apreciada por seu valor adequado». (Marx, **Miséria da Filosofia**).

O neoliberalismo é o feroz, o brutal e impiedoso desenvolvimento desta lógica venal até suas últimas consequências. Ele constitui a forma mais radical e desumana daquilo que Guy Debord chamava **a sociedade do espetáculo**, isto é, a transformação dos indivíduos - separados uns dos outros como átomos

- em expectadores passivos do movimento das mercadorias. Nesta construção social de passividade, estagio supremo da alienação, jogam um papel importante certas mercadorias culturais, como a televisão, que produzem e reproduzem continuamente a fragmentação, o isolamento, e a contemplação inerte do “espetaculo” mercantil. A cultura do espetaculo moderno, escrevia Debord, é “um canto épico”, mas êle não canta, como a **Iliada** de Homero, os homens e seus feitos de armas, mas “as mercadorias e suas paixões”. (Guy Debord, **A sociedade do espetaculo**, 1966)

A mercantilização, na etapa do capitalismo neoliberal, não significa apenas que a cultura se torna uma mercadoria como as outras. Ela esvazia os produtos culturais de seu conteúdo humano, de suas qualidades artisticas ou sociais, que são dissolvidas no puro valor de troca, isto é, em quantidades monetarias. A logica da mercantilização é perfeitamente indiferente ao valor cultural intrinseco - ou a ausência de valor – dos produtos simbolicos : seu unico e exclusivo interêsse - que não conhece trégua nem pausa – é a rentabilidade de suas mercadorias, a conquista de maiores partes de mercado, a acumulação do capital. Não é uma questão de bôa ou ma vontade, de maior ou menor falta de escrupulos : se trata simplesmente da logica impiedosa de um sistema, cuja expressão cultural mais caracteristica, que invade todos os espaços da vida publica e privada, que ocupa as telas de cinema e de televisão, que se espalha pelos muros e pelas estradas, é a **publicidade comercial**.

O pseudo-universalismo ocidental-imperial pretende impor à todos os povos do mundo - e em particular aos da periferia do sistema - sob o manto da “civilização”, a dominação da cultura e do modo de vida capitalista neoliberal : propriedade privada, economia de mercado, fetichismo da mercadoria, produtivismo, utilitarismo, individualismo possessivo - uma tradição que vem desde Hobbes e Locke – e racionalidade instrumental (objeto da critica de Adorno e Horkheimer na **Dialética do Iluminismo**). O império norte-americano é particularmente ativo na promoção, em escala global, de uma so

língua, uma só cultura, uma só forma de viver, de se divertir e de pensar. Ele impõe este “pensamento único”, de carácter totalitário, graças à sua hegemonia no mercado cultural mundial e seu controlo dos meios de comunicação, mas não hesita em utilizar também sua potência militar.

Contra a dominação imperial, a resistência cultural toma a forma, em um primeiro momento, de defesa das culturas locais, nacionais ou regionais, tratando de protegê-las do rolo compressor da globalização neoliberal. A diversidade cultural é uma das riquezas da humanidade, e ela está sendo ameaçada - da mesma forma que a diversidade biológica das espécies - pela dinâmica destrutora e homogeneizadora do sistema.

Este combate para salvar a pluralidade cultural humana - que inclui não só culturas locais, mas também culturas transnacionais, como por exemplo a cultura negra do Atlântico, produção simbólica das populações de origem africana das Américas, do Caribe e da Inglaterra (veja-se o livro de Paul Gilroy, **Black Atlantic**) - é indispensável, mas insuficiente. Deve estar associado à luta pela invenção de uma nova universalidade humana, de uma cultura universal emancipadora - componente fundamental, indispensável, de uma nova **civilização** humana em escala planetária, uma civilização da solidariedade.

Senão, corremos o risco que a defesa das identidades culturais tome a forma de nacionalismos estreitos e intolerantes, ou de manifestações religiosas agressivas e fundamentalistas, que, por mais que se apresentem como “anti-imperiais”, são um inimigo mortal de todo projeto cultural emancipador. Outra expressão degradada de auto-afirmação identitária são os racismos, sexismos e xenofobias, que se traduzem, na Europa, no inquietante e espetacular progresso de forças políticas neofascistas ou semi-fascistas, que fazem do ódio ao “estrangeiro” - árabe, africano, judeu, cigano, ou simplesmente “não branco” - seu fundo de comércio. O problema se coloca também em vários países do Sul, onde os pobres se trucidam entre si, em nome da etnia, da

religião ou da nacionalidade. Sem falar dos Estados Unidos, onde, além do tradicional racismo anti-negro assistimos atualmente ao surgimento de reações xenofóbicas contra a população americana de origem árabe.

Outra falsa alternativa cultural ao pseudo-universalismo da globalização neoliberal é a “política identitária” promovida pelos postmodernos, que decretam o fim das Grandes Narrativas da Emancipação - desde o Iluminismo até o Marxismo - em nome da alegre multiplicação dos “jogos linguísticos” mutuamente irreconciliáveis (cf. Lyotard, **A condição postmoderna**). É verdade que o discurso iluminista foi muitas vezes utilizado pelas potências coloniais e imperiais para justificar, em nome do “progresso”, da “civilização” e da “modernidade”, seus projetos de dominação e opressão dos povos da periferia. Mas esta constatação - já formulada pelos críticos socialistas do imperialismo há mais de um século - não implica que se deva invalidar qualquer projeto universalista de emancipação! Os ideólogos postmodernos celebram o particularismo, a fragmentação, a dissociação e a dispersão dos vários movimentos “identitários” - culturais, étnicos, de gênero ou de orientação sexual - e rejeitam qualquer proposta de unificação, articulação ou universalização das lutas como uma tentativa anacrônica de reviver as “Grandes Narrativas” do passado.

A primeira tarefa de uma resistência cultural eficaz é precisamente tratar de estabelecer vínculos e conexões entre as várias reivindicações democráticas, as diversas lutas sociais, assim como entre estas e o movimento operário, buscando um terreno comum, uma convergência que respeite a autonomia de cada um, mas os associe no combate comum contra a dominação imperial, contra o racismo e o poder patriarcal, contra a lógica desumana do neoliberalismo.

O desafio é então construir uma nova cultura universal, democrática e plural, uma **cultura da solidariedade** fundada em alguns princípios gerais: 1) o reconhecimento e o respeito das diferenças: o objetivo é, segundo a

célebre fórmula dos zapatistas, “um mundo no qual cabem muitos mundos”. 2) a emancipação dos seres humanos de todas as formas de opressão, exploração, alienação e degradação. 3) a des-mercantilização da cultura, sua autonomização em relação às leis do mercado, seu livre desenvolvimento em função de seus próprios critérios. 4) o respeito à natureza, o restabelecimento do equilíbrio ecológico entre as sociedades humanas e o meio ambiente natural, em vias de destruição pela lógica produtivista do mercado.

Necessitamos de uma cultura crítica e universalista deste tipo, uma cultura da esperança voltada para a perspectiva de um futuro emancipado, para conseguir superar os etnocentrismos e as intolerâncias, e para opor um alternativa coerente ao desastre cultural do neoliberalismo. Uma cultura produzida por escritores, artistas, cineastas, poetas, filósofos e pensadores, mas também pelos movimentos sociais de libertação, cuja produção simbólica é de fundamental importância.

Esta nova cultura planetária, uma cultura da solidariedade e da esperança, libertária e emancipadora, socialista e democrática, não é apenas um sonho acordado, uma utopia concreta, uma imagem-de-desejo (Ernst Bloch, **O Princípio Esperança**). Ela começa, pouco à pouco, a tomar forma no seio deste imenso “movimento dos movimentos”, internacional e internacionalista, solidário e combativo, que tem no Fórum Social Mundial um dos seus epicentros. É no bojo deste amplo Movimento Pela Justiça Global, deste movimento **altermundialista** - e não “antimundialista” ou “globalifóbico” como o pretende uma certa imprensa - que atravessa os países e os continentes, desta vasta mobilização de luta e de pensamento, que se manifestou nas ruas de Seattle, Nice, Praga, Estocolmo, Washington, Barcelona, Gênova, Florença e Porto Alegre, que se estão dando os primeiros passos, ainda incipientes mas promissores, para a criação de uma nova cultura da humanidade, mais além do pesadelo capitalista, imperial e neoliberal.

-----

Usamos acima a expressão « cultura socialista ». Que quer dizer « socialismo » no comêço do século XXI ? Ser socialista significa antes de tudo ser **radical**. A palavra « radical » vem da expressão latina **radix**, « raiz ». Radical é aquêle que quer atacar os problemas pela raiz. Como por exemplo os companheiros do MST e da Confederação Camponêsa da França que por ocasião do Forum Social Mundial I do ano 2000, organizaram um passeio no interior do Rio Grande do Sul para arrancar, pela raiz, umas plantações transgênicas da multinacional Monsanto...

Qual é a raiz dos problemas que sofre a humanidade neste comêço de século ? Qual é a raiz do desemprego, da pobreza, da monstruosa desigualdade social ? Qual é a raiz do neoliberalismo, da dívida externa, da especulação financeira incontrolável, dos programas de « ajuste estrutural », da ditadura do FMI ? A raiz é o sistema capitalista mundial, a lógica global da acumulação capitalista, a hegemonia mundial do grande capital financeiro, a propriedade capitalista do meios de produção. Muitos neste Forum da Unesco compartilamos este diagnóstico. Mas precisamos começar a discutir das alternativas. E se buscamos uma alternativa radical, é a questão do **socialismo** que se coloca na ordem do dia.

O socialismo a que me refiro não é aquêle que desmoronou depois da queda do muro, pobre caricatura burocrática que já há muito tempo havia perdido seu espírito revolucionário inicial. Tampouco aquêle de certos partidos que se declaram socialistas ou social-democratas, mas não passam de social-liberais, simples administradores da ordem de coisas estabelecida. Refiro-me à utopia socialista, ao sonho radical de justiça social e comunidade de bens que tem séculos de história, e que encontramos nas palavras de fôgo dos profetas bíblicos, na prática fraternal das primeiras comunidades cristãs, nas revoltas

camponesas da Idade Média; um sonho que encontrara sua forma moderna e revolucionaria no pensamento e na ação de Karl Marx e Frederico Engels. O socialismo de que estou falando é aquele que inspirou os mártires do 1º de Maio de Chicago, e tantos outros combatentes assassinados pelas classes dominantes, que sacrificaram sua vida pelo ideal da emancipação dos trabalhadores da cidade e do campo : Emiliano Zapata e Malcolm X, Farabundo Martí e Leon Trotsky, Buenaventura Durruti e Antonio Gramsci, Li-Ta-Tchao et Nguyen-van-Troy, Anita Prestes et Yara Iavelberg, Camilo Torres e Carlos Marighella.

No que consiste o socialismo ? Ele não tem nada de misterioso ou obscuro : seu princípio fundamental é transparente e claro como água da cascata : os meios de produção devem pertencer à sociedade, e as grandes decisões sobre investimentos, produção e distribuição não devem ser abandonadas às leis cegas do mercado, à um punhado de exploradores, ou à uma camarilha burocrática, mas tomadas, depois de um amplo e pluralista debate democrático, pelo conjunto da população. Nada mais simples : mas exige, para ser realizado, uma verdadeira revolução, a supressão do sistema capitalista e do poder das classes dominantes...

O socialismo significa, concretamente, que a produção não será mais submetida às exigências do lucro, da acumulação do capital, da produção massiva de mercadorias inúteis ou nocivas, mas voltada para a satisfação das necessidades sociais : alimentação, roupa, habitação, saneamento básico, água corrente, educação, saúde, cultura. Significa a superação de um modelo de civilização fundado no produtivismo e no consumismo, numa relação predatória com a natureza, e numa subjetividade prisioneira do sistema mercantil. Significa também o fim da discriminação racial – contra o negro, o mestiço, o indígena - da opressão das mulheres, da desigualdade social, da destruição do meio ambiente, das guerras imperialistas. E aqui na América Latina significa antes de tudo : o fim de séculos de dominação colonial e imperial sobre os povos de nosso continente.

Três nomes simbolizam, para mim, alguns dos valores mais importantes do socialismo. São três seres humanos que deram sua vida pela causa socialista e cuja herança cultural faz parte de nossa imagem do socialismo do futuro.

O primeiro nome é o de **Rosa Luxemburgo**. Porque esta figura de mulher - judia e polonêsa, marxista e revolucionaria, carinhosa e intransigente, militante e intelectual - assassinada por militares reacionários em janeiro de 1919, nos interessa tanto? Como se explica que 80 anos depois de sua morte ela nos é tão próxima? Rosa Luxemburgo incarna, na sua forma mais pura, o valor **democrático** do socialismo, a relação recíproca, a unidade inseparável entre a transformação socialista da sociedade e as liberdades democráticas. Em sua célebre brochura sobre a Revolução russa, que manifesta ao mesmo tempo sua solidariedade e sua crítica, ela escrevia estas palavras decisivas:

« A liberdade só para os partidários do governo, só para os membros de um partido - por mais numerosos que sejam - não é a liberdade. A liberdade é sempre a liberdade daquele que pensa de forma diferente. (...) Sem eleições gerais, sem uma liberdade de imprensa e de reunião ilimitada, sem um livre combate de opiniões, a vida vai se esvaziando em todas as instituições públicas, vegeta, e a burocracia acaba ficando o único elemento ativo ». (Rosa Luxemburgo, **A Revolução russa**, 1918).

É difícil não reconhecer o caráter profético deste aviso. Alguns anos mais tarde, a burocracia se apropriaria da totalidade do poder, eliminando progressivamente os revolucionários de Outubro de 1917 - esperando o momento, nos anos 1930, de exterminá-los impiedosamente.

Uma verdadeira refundação do socialismo no século 21 não pode fazer a economia da mensagem revolucionária, democrática e libertária de Rosa Luxemburgo.

O segundo nome que quero mencionar é o de Ernesto Che Guevara. Ele representa, em sua mais alta expressão, o valor da **solidariedade**

**internacional.** O significado de Guevara para o socialismo não concerne unicamente Cuba e a América Latina : ele é universal, mundial, internacional. Para o Che o verdadeiro socialista, o verdadeiro revolucionário é aquele que considera sempre os grandes problemas da humanidade como seus problemas pessoais, aquele que é capaz de « sentir-se angustiado quando se assassina um ser humano em qualquer lugar do mundo e sentir-se entusiasmado quando em algum lugar do mundo se levanta uma nova bandeira de liberdade ». Ha uma frase de José Martí que Ernesto Guevara citava com frequência em seus discursos, e na qual via « a bandeira da dignidade humana » : « Todo ser humano verdadeiro deve sentir na sua face a bofetada dada em qualquer outro ser humano ». O internacionalismo para Guevara - ao mesmo tempo modo de vida, fé profana, imperativo categorico e patria espiritual – era inseparavel da idéia mesmo de socialismo, enquanto humanismo revolucionario, enquanto emancipação dos explorados e oprimidos do mundo inteiro, numa luta sem tréguas nem fronteiras com o imperialismo e a ditadura do capital.

Ernesto Che Guevara pagou com sua vida, em 8 de outubro de 1967, seu compromisso internacionalista com a luta de libertação do povo da Bolívia contra o regime militar.

O terceiro nome é o de um brasileiro, **Chico Mendes**. Ele representa, de forma exemplar, a dimensão **ecológica** do socialismo, a convergência essencial entre as duas cores do futuro, o « vermelho » e o « verde ». Como se sabe, foi por iniciativa de Chico Mendes que se formou a Coalizão dos Povos da Floresta em defesa da Amazônia contra a obra destruidora dos grandes latifundiários e do agro-business multinacional.

Militante da CUT e do Partido dos Trabalhadores, ecologista e socialista convicto, Chico Mendes organizou, no começo dos anos 1980, ocupações de terra pelos seringueiros contra os grandes proprietários que mandavam seus bulldozers destruir a floresta para substituí-la por pastos para o gado. Num segundo momento, êle conseguiu reunir camponeses, trabalhadores agrícolas,

seringueiros, sindicalistas, e tribus indígenas - com o apoio das comunidades de base e da Igreja progressista – na Aliança dos Povos da Floresta, que conseguiu inúmeras vezes impedir tentativas de derrubar a floresta. O eco internacional de suas ações lhe valeu em 1987 a atribuição do Prêmio Ecológico Global e a celebridade planetária. Entretanto, pouco depois, em dezembro 1988, os latifundistas se vingam mandando seus capangas o matarem .

Articulando socialismo e ecologia, lutas camponêsas e indígenas, sobrevivência de populações locais e defesa de um patrimônio universal - a última grande floresta tropical - Chico Mendes deu um exemplo que não será esquecido pelos socialistas do século que começa.

Nos últimos trinta anos aprendemos a enriquecer nossa idéia do socialismo com a contribuição do movimento das mulheres, dos movimentos ecológicos, das lutas de negros e indígenas contra a discriminação. Assim é o processo de construção do projeto socialista : não um edifício pronto e acabado, mas um imenso canteiro de obras, onde se trabalha para o futuro, sem esquecer as lições do passado.

O socialismo aspira à uma nova cultura universal, um novo modo de produção simbólica, preservando as múltiplas identidades culturais – nacionais, regionais, locais, transcontinentais – e, ao mesmo tempo, associando-as à um projeto emancipador comum. Este projeto visa à uma transformação revolucionária da sociedade. Não se trata de esperar que o capitalismo desmorone por suas próprias contradições : como dizia Walter Benjamin, nossa geração aprendeu uma lição importante : **o capitalismo não vai morrer de morte natural**. Para ajuda-lo a desaparecer o mais rapidamente possível não devemos esperar que « as condições amadureçam » mas agir aqui e agora, plantando sementes de socialismo. Cada levante indígena, como o dos zapatistas em Chiapas, ou da CONAIE no Equador, cada ocupação de terras do MST, cada luta dos parias na Índia por seus direitos, cada combate das

mulheres do Irã contra a opressão fundamentalista, cada insurreição popular como o recente argentinazo, cada mobilização contra a globalização capitalista como as de Seattle, Gênova ou Florência, cada reunião como esta, de dezenas de milhares de pessoas que sonham com um futuro diferente, é uma semente de socialismo. Depende de nos que esta sementes cresçam, dêem arvores, galhos, fôlhas e frutos.

**Michael Löwy**

## **RESUMO**

Contra a dominação imperial, a resistencia cultural toma a forma, em um primeiro momento, de defesa das culturas locais, nacionais ou regionais, tratanto de protegê-las do rolo compressor da globalização neoliberal. A diversidade cultural é uma das riquezas da humanidade, e ela esta sendo ameaçada - da mesma forma que a diversidade biologica das espécies - pela dinâmica destrutora e homogeneizadora do sistema capitalista.

Este combate para salvar a pluralidade cultural humana - que inclui não so culturas locais, mas também culturas transnacionais, como por exemplo a cultura negra do Atlântico, produção simbolica das populações de origem africana das Americas, do Caribe e da Inglaterra - é indispensavel, mas insuficiente. Deve estar associado à luta pela invenção de uma nova universalidade humana, de uma cultura universal emancipadora - componente fundamental, indispensavel, de uma nova **civilização** humana em escala planetaria, uma civilização da solidariedade : **o socialismo**.

